



Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica

ISSN: 1516-1498

revistaagoraufjr@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Rocha, Zeferino

O papel da ilusão na psicanálise Freudiana

Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, vol. XV, núm. 2, julio-diciembre, 2012, pp. 259-271

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=376534586004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O PAPEL DA ILUSÃO NA PSICANÁLISE FREUDIANA*

Zeferino Rocha

Mestre em Filosofia
pela Universidade
Gregoriana de
Roma (1945-
1948), doutor em
Psicologia pela
Universidade de
Paris-X-Nanterre
(1973), professor
do Programa de
Pós-Graduação
(Mestrado e
Doutorado) em
Psicologia Clínica
da Unicap e
membro fundador
do Círculo
Psicanalítico de
Pernambuco.

RESUMO: Pretende-se descrever o papel atribuído por Freud à Ilusão nas três grandes fases da elaboração da teoria psicanalítica, tentando mostrar como a ilusão, quando confrontada com a prova da realidade, pode se tornar uma fonte de criatividade com um papel decisivo na construção da subjetividade.

Palavras-chave: Ilusão enganosa e criativa, brincar e fantasiar, idealizações narcísicas e amorosas, metapsicologia feiticeira.

ABSTRACT: The role of illusion in the Freudian psychoanalysis. The article has as purpose to describe the role assigned by Freud to the Illusion, in the elaboration phases of the psychoanalytic theory, trying to show the illusion, when faced with the reality's proof, can become a source of creativity with a decisive role in the subjectivity construction.

Keywords: Creative illusion, playing and phantasy, narcissistic idealization, witch metapsychology.

* Palestra de encerramento pronunciada no Espaço Psicanalítico de João Pessoa, na Jornada comemorativa dos seus dez anos. João Pessoa, 4/4/2009.

“Por que razão o melhor, o mais verdadeiro há de parecer
tão ilusório e o ilusório tão verdadeiro?”

Novalis

Ilusão e desilusão são elementos constituintes da experiência humana. O poeta Vinicius canta: “A vida só se dá / pra quem se deu/ pra quem amou/ pra quem chorou / pra quem sofreu”, e Francisco Otaviano, no poema “Ilusões da vida”, adverte: “Quem passou pela vida em branca nuvem e em plácido repouso adormeceu; quem não sentiu o frio da desgraça, quem passou pela vida e não sofreu; foi espectro de homem, não foi homem; só passou pela vida, não viveu”.

De fato, somente vive a vida de fato (e ela merece ser vivida e cantada simplesmente porque é vida) quem, além de usufruir o que ela, em cada instante, tem de maravilhoso e único, confronta-se também com a dor e o sofrimento, a falta e a perda, a ilusão e a desilusão. Essas vivências, na verdade, são muito mais do que vivências efêmeras, fazem parte das experiências fundamentais que constituem a dimensão trágica do existir humano.

O PARADOXO FREUDIANO

Não obstante a relevância que a filosofia e a literatura sempre deram à experiência da ilusão e da desilusão na dinâmica da existência humana, foi apenas a partir dos trabalhos de Winnicott (1975) sobre o espaço transicional e potencial da ilusão, que a pesquisa psicanalítica começou, com especial atenção, a aprofundar o sentido e o lugar dessa experiência fundamental na constituição do psiquismo e da cultura.

Assim, é sintomático que Laplanche e Pontalis (1967) não tenham consagrado um verbete às noções de ilusão e de desilusão no magistral *Vocabulaire de la Psychanalyse* que escreveram sobre a gênese e o sentido dos conceitos da psicanálise freudiana. O próprio Freud reforça essa atitude reticente, uma vez que sua posição diante da ilusão é influenciada pelo paradoxo mais profundo que marcou sua obra, vale dizer: o paradoxo que contrapõe o Freud-pesquisador (*Forscher*) ao Freud-pensador (*Denker*). Enquanto pesquisador, o homem Freud foi formado segundo o paradigma cientificista da filosofia neopositivista que dominou a sua época e muito o influenciou, tanto em sua formação acadêmica, quanto na elaboração de sua obra. Essa influência foi tão grande que Peter Gay não titubeou em dizer que Freud foi “o último dos filósofos” do Iluminismo (GAY, 1990, p.53).

Pois bem, enquanto pesquisador influenciado pela *Aufklärung*, Freud foi um tenaz demolidor de ilusões. Aliás, ele próprio assim se qualifica, quan-

do, no texto *As chances futuras da terapia psicanalítica*, assim se exprime: “Porque destruímos as ilusões acusam-nos de colocar em perigo os ideais” (FREUD, 1910a/1976, p.132).¹

Mas esta posição do *Freud-Aufklärer* é questionada e ressignificada pela atitude do *Freud-Denker*, o qual, como veremos adiante, reconheceu o papel fundamental de várias formas de ilusão não só no processo de construção do saber que define a especificidade epistêmica da metapsicologia, senão também na construção do psiquismo e da subjetividade humana.

Nessa perspectiva, minha hipótese de trabalho pode ser formulada da seguinte maneira: a ilusão, quando confrontada com a realidade, não é apenas negada ou destruída por ela, mas pode ser também redimensionada, e, enquanto tal, pode adquirir um novo sentido. Ela deixa de ser enganadora e torna-se *poiética* (no sentido em que os gregos entendiam a palavra *poiésis*), vale dizer, ela adquire uma capacidade criativa no campo do acontecer psíquico.

Para ver se tal hipótese se sustenta, buscarei, na doutrina freudiana, alguns subsídios teóricos relacionados ao tema da ilusão e, como roteiro metodológico, acompanharei Freud nas três etapas essenciais que dividem a sua obra, ou seja: os primeiros escritos, situados entre 1893-1900; depois, os escritos metapsicológicos da primeira tópica, situados entre 1900 e 1920; e, finalmente, os últimos escritos, publicados entre 1920 e 1939. Em cada uma dessas etapas, escolherei alguns textos, e, nestes, algumas passagens para acompanhar a abordagem freudiana da ilusão.

FREUD E A NATUREZA DA ILUSÃO

Como já foi dito, Freud, influenciado pelo projeto cientificista, parece excluir a ilusão do campo da pesquisa científica; mas, de outro lado, ele inegavelmente a reconduz ao campo da Cência, quando a aponta como objeto da pesquisa psicanalítica: a ilusão das fantasias histéricas, a ilusão dos sonhos e dos devaneios, a ilusão das idealizações e dos ideais narcisistas, a ilusão da paixão amorosa e dos apaixonados, a ilusão das experiências transferenciais no espaço da análise, e assim por diante. Embora a ilusão seja destituída de realidade empírica, tem, no entanto, papel fundamental na constituição da subjetividade e na criação do espaço da análise.

Mas o que entendia Freud por Ilusão? A resposta ele próprio nos dá, quando a define como uma *Wunscherfüllung*, vale dizer, como uma *realização de desejo*

¹ “Weil wir Illusionen zerstören, wirft man uns vor, daß wir die Ideale in Gefahr bringen” (FREUD, 1910a/1982, Studienausgabe, Ergänzungsband, p.129. Tradução brasileira: *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica*. Edição standard das obras completas de Sigmund Freud, v.XI, p.132).

(FREUD, 1927/1976, p.44). Enquanto tal, ela não pode ser imposta ou proibida, demonstrada como verdadeira ou refutada como falsa, aceita ou descartada sob o ponto de vista moral.

Insistindo nisso, Freud abre uma perspectiva nova para o estudo da ilusão, que vai subverter inteiramente o que o senso comum sempre disse e pensou a seu respeito. Em vez de se preocupar em defender a verdade do conteúdo das criações ilusórias e fantasmáticas, essa nova perspectiva põe em ação a capacidade e potencialidade do poder criativo da ilusão, tanto no plano individual quanto no plano cultural, dando à ilusão uma aceção positiva.

O PAPEL DA ILUSÃO NA CONSTRUÇÃO DA TEORIA PSICANALÍTICA

Para acompanhar e descrever o papel da ilusão na construção da teoria psicanalítica, vamos escolher, como ponto de partida, a carta que Freud escreveu a Fliess no dia 21 de setembro de 1897, na qual confessa que não acredita mais na sua *neurótica* e confidencia, ao amigo e interlocutor, “as razões de sua descrença”. Entre elas, destaca-se a preciosa descoberta de que “não há indicações de realidade no Inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção, quando esta é investida de afeto” (MASSON, 1986, p.265-266).

O trauma que estava na base do primeiro modelo explicativo das neuroses era, na maioria das vezes, de natureza fantasmática, ou seja, era a encenação de um desejo recalcado que a histerica não podia assumir. A clínica e a pesquisa psicanalíticas voltaram-se, então, para trabalhar essa nova forma de realidade, criada pela força dos nossos desejos inconscientes e recalcados. Assim, pode-se dizer que o abandono da teoria da sedução sexual precoce foi o passo decisivo de Freud para a descoberta do mundo do *fantasmar* (*das Phantasieren*), que passou, então, a constituir o campo específico da pesquisa psicanalítica.

DA FANTASIA AO SONHO

Do mundo da fantasia enquanto encenação dos desejos inconscientes, Freud facilmente passou ao mundo do sonho, pois este também é uma *Wunscherfüllung*. Na sua natureza mais íntima, o sonho é uma realização de desejos inconscientes, a maior parte dos quais tem suas raízes na infância. Todavia, antes de ser objeto de interpretação, o sonho é um espaço, ou, como preferiu Freud dizer, uma “outra cena”, na qual são revividos os momentos essenciais de nossa vida psíquica e os polos dos conflitos que a dinamizam. Sendo assim, é fácil compreender que a ilusão, como realização de desejo, tenha, desde o início, ocupado um lugar de destaque na *Interpretação dos sonhos* (*Traumdeutung*), como criadora de sentido.

O BRINCAR E O FANTASIAR

Deixando o mundo do sonho, visitemos rapidamente, com Freud, o mundo do brincar e do fantasiar das crianças. Dele nos falam dois pequenos-grandes textos escritos em 1908: *Der dichter und das phantasieren* (O poeta e o fantasiar) e *Über infantilen sexualtheorien* (Sobre as teorias sexuais infantis). O primeiro é, seguramente, um dos textos em que Freud melhor destaca a dimensão criativa da ilusão. Enquanto brinca, a criança cria um mundo que lhe é próprio e povoa-o com as invenções de sua imaginação, que outra coisa não são senão realizações de seu desejo narcísico, o qual se acredita onipotente, porquanto ainda não confrontado às desilusões da realidade.

Dir-se-ia que, para a criança, o desejo onipotente é uma varinha mágica com a qual ela transforma as coisas simples, que estão ao seu redor, em objetos de sua imaginação e fantasia. Desse modo, ela cria, com as fantasias dos seus brinquedos, uma ponte que liga o mundo de sua subjetividade ao mundo da realidade externa, inaugurando “uma maneira diferente de olhar o real” (BORAKS, 2006, p.59). Assim fazendo, o brincar e o fantasiar criam uma *área de ilusão*, que Winnicott (1975) chamou de “espaço transicional ou potencial”, a qual se tornará a fonte das criações que irão realizar as diversas formas simbólicas da Cultura.

Quando brinca, diz Freud, toda criança comporta-se como um poeta (*benimmt sich wie ein Dichter*), e o seu brincar, por mais ilusório que seja, é uma coisa muito séria. “Seria, pois, incorreto pensar que ela não leva a sério esse mundo; ao contrário, ela leva muito a sério o seu brinquedo e emprega nele grandes quantidades de afeto. O contrário do brincar não é a seriedade, mas a realidade.” (FREUD, 1908a/1976, p.149).²

Freud ressalta ainda o papel fundamental da ilusão na construção da existência humana, quando a relaciona com a dinâmica da temporalidade, ou seja, com o trabalho a que se consagra o homem para construir o tempo de sua existência no mundo. Para Freud, é um fio do desejo que tece e alinhava, no dinamismo do processo da construção psíquica, o passado, o presente e o futuro, como momentos estruturantes e essenciais de nosso existir no tempo.

“A relação entre a fantasia e o tempo é muito importante. Pode-se dizer que uma fantasia flutua, por assim dizer, entre três tempos, os três momentos temporais de nosso modo de representar. O trabalho anímico une a uma impressão atual, uma ocasião [vívida] no presente, que foi capaz de despertar um dos principais desejos do sujeito. Daí, o desejo retrocede à lembrança de uma experiência anterior, ao mais das vezes, infantil, na qual aquele desejo foi realizado. Então ele cria uma situação

² “Es wäre dann unrecht zu meinen, es nähme diese Welt nicht ernst; im Gegenteil, es nimmt sein Spiel sehr ernst, es verwendet große Affektbeträge darauf. Der Gegensatz zu Spiel ist nicht Ernst, sondern — Wirklichkeit” (FREUD, 1908a/1982, p.171).

referida ao futuro, que se apresenta como a realização daquele desejo, justamente o devaneio, ou a fantasia, que a partir da situação e da lembrança traz em si os traços de sua origem. Dessa forma, passado, presente e futuro alinhavam-se uns aos outros no colar do desejo que os percorre.” (FREUD, 1908a/1976, p.153)³

TEORIAS SEXUAIS INFANTIS

Diante da curiosidade sexual da criança, particularmente aguçada pelo nascimento de um irmãozinho, os pais, quase sempre, denegam o fato de que o filho já possa estar interessado pelos enigmas da sexualidade e, em particular, pelo modo como os bebês são concebidos e vêm ao mundo. Assim, ao ouvirem a pergunta: “de onde vêm os bebês?”, respondem: “os bebês são trazidos pela cegonha”.

Quase sempre as crianças não acreditam nessa resposta. Por vezes, ao fingirem fazê-lo, na verdade recorrem ao espaço ilusório da fantasia e da imaginação e constroem, em segredo, suas próprias “teorias” para encontrar uma resposta para o enigma do nascimento. Imaginam, então, que os bebês são concebidos no beijo e nascem pelo umbigo ou pelo ânus.

É instrutivo confrontar essas atitudes dos pais e das crianças. Ambas são construídas no espaço da ilusão, mas são inteiramente diferentes. A primeira — a fábula da cegonha — é uma ilusão enganosa, um engodo que nada constrói, a não ser a desconfiança das crianças. As “teorias” sexuais infantis, também elaboradas num espaço ilusório, embora inexatas, nada têm de arbitrário na sua fonte, pois são excogitadas a partir do que as crianças sentem nas zonas erógenas de seus corpos. Ora, o que é assim construído na imaginação merece o nome de “teoria”, pois não deixa de ser uma tentativa de resposta a uma inquietação que angustia. Não seria difícil constatar esse modo de proceder em quase todas as crianças, se tivéssemos a oportunidade de ouvir os seus segredos. Essas “teorias sexuais” são motivadas por fantasias originárias e pelos componentes parciais da pulsão sexual já atuantes no psiquismo infantil (FREUD, 1908b, p.218-219). Vamos dar um passo a mais nessa trajetória e abordar o papel da ilusão no contexto da teoria freudiana do narcisismo.

³ “Das Verhältnis der Phantasie zur Zeit ist überhaupt sehr bedeutsam. Man darf sagen: eine Phantasie schwebt gleichsam zwischen drei Zeiten, den drei Zeitmomenten unseres Vorstellen. Die seelische Arbeit knüpft an einen aktuellen Eindruck, einen Anlaß in der Gegenwart an, der imstande war, einen der großen Wünsche der Person zu wecken, greift von da aus auf die Erinnerung eines früheren, meist infantilen, Erlebnisses zurück, in dem jener Wunsch erfüllt war, und schafft nun eine auf die Zukunft bezogene Situation, welche sich als die Erfüllung jenes Wunsches darstellt, eben den Tagtraum oder die “Phantasie, die nun die Spuren ihrer Herkunft von Anlasse und von der Erinnerung an sich trägt. Also Verganges, Gegenwärtiges, Zukünftiges wie an der Schnur des durchlaufenden Wunsches aneinandergereiht” (FREUD, 1908a/1982, p.174).

ILUSÃO E NARCISISMO

No narcisismo, o primado é da imagem. Narciso morreu fascinado pelo encanto de sua própria imagem. E, no entanto, é na *imagem do corpo* que a criança, passando do autoerotismo para o narcisismo, faz, pela primeira vez, a descoberta da unidade do seu corpo, que, até então, era um aglomerado de partes justapostas. Todavia essa descoberta, ensina Lacan, tanto é um elemento estruturante da vida psíquica, como é, além disso, o lugar do engodo e do desconhecimento. Dir-se-ia que aqui, também, estamos diante da força ambígua da ilusão, porquanto a *ilusão da imagem do corpo* tanto pode contribuir para a estruturação do eu quanto ocasionar a sua alienação e desconhecimento.

Todavia, torna-se mais claro o papel da ilusão na estruturação do psiquismo naquilo que Freud denominou de *narcisismo primário*.⁴ Se aplicarmos ao narcisismo o conceito freudiano do “originário” (*ursprünglich*), então vamos poder dizer que é no *narcisismo originário* que o sujeito encontra a condição de possibilidade de se tornar um *ser de pulsão e de desejo*. Em si mesmo, o narcisismo originário, ao invés de ser definido como uma realidade determinada, deve ser olhado como uma *condição de possibilidade*, a qual nunca termina de se atualizar em todas as manifestações da sexualidade humana. A estruturação do psiquismo se faz através dessas diversas manifestações do narcisismo originário

Dir-se-ia que para dar continuidade à vida intrauterina, o bebê, quando é lançado no mundo, precisa da ilusão da autossuficiência, para poder fazer face ao próprio desamparo. Ele encontra essa ilusão de onipotência na união fusional com a mãe e no fato de ter toda a libido investida no seu ego.

Esta fase de onipotência ilusória é indispensável para a saúde psíquica do bebê. Sem ela, o ego do bebê, biologicamente incompleto e psiquicamente imaturo, não subsistiria ao confronto com a dura realidade de seu desamparo. Todavia, um fechamento nessa onipotência ilusória, seria, por sua vez, a morte do sujeito. Narciso morreu porque não foi capaz de ir além do fascínio ilusório de sua própria imagem. Quando não confrontada com a desilusão da realidade, a ilusão da onipotência narcísica deixa de ser uma fonte de criatividade para se tornar uma ilusão mortífera.

⁴ Aqui, no entanto, uma sugestão parece oportuna. Em vez desta denominação (em uma perspectiva psicogenética, Freud postula o narcisismo *primário* apenas para justificar o narcisismo *secundário*), o *narcisismo primário* e o “estado anobjetal” que lhe foi associado — e que tanta resistência encontraram por parte dos seguidores de Freud — talvez fosse melhor designado pela expressão *narcisismo originário*. Em Freud, o “originário” (*ursprünglich*) tem sempre a conotação de uma condição de possibilidade. Assim acontece com as fantasias originárias (*Urphantasie*), com o recalque originário (*Urverdrängung*) e com a angústia originária (*Urangst*). O “originário” encontra-se na origem como condição de possibilidade daquilo que dele se origina (ROCHA, Z. (2008) p.65-72).

Vejamos como isso se confirma em outras manifestações do narcisismo originário como, por exemplo, no mundo da paixão amorosa, que Freud designou com o nome de *Verliebtheit*.

ILUSÃO E PAIXÃO AMOROSA

Na fase do narcisismo infantil, a instância psíquica do *Ego ideal* (o *Idealich* na terminologia freudiana) é uma representação imaginária, na qual a criança, para poder enfrentar sua situação inicial de desamparo, identifica-se com as figuras parentais, que supõe onipotentes. Essa onipotência ilusória do *Ego ideal* é posta em questão quando este finalmente se confronta com as exigências e decepções da realidade. Sem esta decepção, o ego seria para todo o sempre prisioneiro do imaginário da mãe e nunca teria acesso ao mundo simbólico das relações intersubjetivas.

Todavia, no decorrer da existência, o *Ego ideal*, por múltiplas razões, pode ser projetado em figuras substitutivas dos pais todo-poderosos. O objeto da paixão amorosa é uma delas. O apaixonado projeta, ou transfere, sobre o objeto de sua paixão, as idealizações narcísicas de sua infância, e tem a ilusão de que, nesse objeto idealizado, está o segredo de tudo o que lhe falta. A ilusão da completude narcísica alimenta a ideia de que o objeto da paixão amorosa pode preencher o vazio da falta, que é constituinte de nossa existência. Com ele, tudo se tem, sem ele, nada se tem e nada tem sentido. Na paixão amorosa, revive-se a ilusão da completude narcísica infantil, que fazia da mãe tudo para a criança, e da criança tudo para sua mãe.

Essa tentativa ilusória de querer recuperar, em uma união fusional com o objeto da paixão amorosa, aquele estado de *bem-aventurança psíquica* e de completude narcísica para todo o sempre perdido — e que de fato nunca existiu senão nas fantasias das crianças — é, para Freud, a mais importante característica da *Verliebtheit*. O apaixonado quer a todo custo reconquistar o paraíso perdido de sua infância. Diz o livro do Gênesis que Jaweh-Deus, quando expulsou Adão e Eva do Jardim do Éden, colocou dois Querubins com espadas flamejantes “para guardar o caminho da Árvore da Vida” (Gênesis, III, 23-24). Na linguagem do mito, isso quer dizer que o Paraíso está para todo o sempre perdido. Doravante, ele só existe no espaço ilusório do sonho ou na linguagem simbólica do mito. Do sonho, porque ele é o mito do indivíduo, e do mito, porque ele é o sonho da Humanidade (FREUD, 1908a/1982, p.178). O narcisismo originário também se manifesta em outras formas de projeção do *Ego ideal* e, dentre elas, destaca-se a questão dos Ideais, sobretudo quando estes se tornam idealizações do desejo.

A ILUSÃO E A QUESTÃO DOS IDEAIS

Os investimentos do ego, quando têm como modelo as ambições narcísicas do Ego ideal, dão origem às idealizações, e, no registro dessas idealizações, os ideais tornam-se ilusões que se desfazem em desilusões, porque não resistem à prova da realidade. Foi nessa perspectiva que Freud elaborou a crítica da ilusão religiosa, identificando-a com a promessa de um paraíso celeste, para aliviar a dor do desamparo humano. Não seria este o momento oportuno para discutir a posição de Freud quando define a religião como uma ilusão sem mencionar a dimensão criativa desta ilusão, vindo nela apenas sua natureza enganosa.

Frequentemente, a Psicanálise freudiana costuma estender aos ideais em geral essa crítica que Freud fez da ilusão religiosa. Tira-se, então, dessa premissa, uma pseudoconclusão, quando se afirma que é impossível viver os ideais sem que, neles, nos alienemos. A dimensão alienante seria própria da vivência de todo e qualquer ideal. Essa maneira de abordar a questão dos ideais, generalizando sua dimensão enganosa, é uma consequência do fato de não se fazer a devida distinção entre o *Idealich* (Ego ideal) e o *Ichideal* (Ideal do ego).

O *Idealich* (Ego ideal) é uma instância pré-edípica, de natureza narcísica, inteiramente constituída no registro do imaginário, tendo como modelo a onipotência das figuras parentais. Como já foi dito, quando é toda investida no ego, a libido produz a ilusória sensação de plenitude, em que não há lugar para a falta nem para o desejo. Nada se deseja, porque, ilusoriamente, acredita-se que se tem tudo.

Já o *Ichideal* (O ideal do ego), ao contrário, é uma instância pós-edípica, porquanto supõe a experiência e a aceitação da castração simbólica, que consiste, em essência, na renúncia a essas ambições fálicas do desejo onipotente, indispensável para que se instalem as relações verdadeiramente intersubjetivas. Ele oferece ao sujeito um modelo de identificação, sem o qual dificilmente este assumiria sua posição de sujeito. Em vez das idealizações que, como vimos, dominam as ilusões narcísicas do Ego ideal, o Ideal do ego põe em movimento outros dispositivos, dentre os quais um lugar de destaque reservado ao mecanismo da sublimação.

Freud enfatizou, no *Mal-estar da cultura* (1930), o papel decisivo que tem a sublimação na criação das formas simbólicas que dinamizam a cultura. As interdições e coerções dos desejos são necessárias, mas não podem, sozinhas, assegurar o papel que se espera delas para o bem-estar da cultura. Outros meios são indispensáveis para recompensar os sacrifícios e as renúncias. Esses outros meios, dinamizados pela sublimação, constituem o que Freud chamou de “patrimônio espiritual da cultura”, vale dizer, os ideais culturais, os conhecimentos científicos, as satisfações artísticas e as crenças religiosas. Essas satisfações substitutivas são asseguradas pelo processo de sublimação. “Ao reforço de energia para nossas

funções mentais, por essa maneira obtido, devemos provavelmente as maiores conquistas da Civilização” (FREUD, 1910a/1970, p.50).

O trabalho sublimatório do Ideal do ego sobre os objetos, no entanto, só é compreensível e eficaz se se realizar, primeiramente, um *trabalho de luto* sobre as idealizações ilusórias do Ego ideal (DA POIAN, 1998). Freud lembra que as miragens narcísicas do Ego ideal acontecem porque sentimos dificuldade de abandonar uma posição libidinal inatacável, característica daquele “estado de bem-aventurança psíquica (*eines seligen psychischen Zustandes*), que foi por nós vivido quando éramos crianças” (FREUD, 1914/1982, p.55). Mas os ideais, enquanto projetos do Ideal do ego, em vez de fecharem o Eu em uma ilusória plenitude narcísica, torna possível, por meio da sublimação e da capacidade criativa do Eu, a abertura de novos horizontes e de novos investimentos objetais, para que o sujeito possa construir, como diria Joel Birman, uma “estilística da existência” (1996).

A METAPSICOLOGIA FEITICEIRA

Gostaria de terminar esse sobrevoo, que juntos fizemos, sobre a natureza e o papel da ilusão na teoria psicanalítica de Freud, lembrando o que ele denominou de Metapsicologia feiticeira (*Hexe Metapsychologie*), no texto *Análise terminável e interminável* (1937). Desse modo, a caminhada que começamos com a descoberta do mundo do fantasiar (na carta a Fliess de 1897) termina com esse texto de 1937, em que explicitamente Freud confessa que, sem fantasiar, não se pode avançar bastante na compreensão metapsicológica da vida psíquica.

Recordemos brevemente essa passagem. Freud trata do problema da *domesticação da pulsão* (*die Bändigung des Triebes*), cuja finalidade é inibir, quanto ao seu objetivo, as tendências destruidoras da pulsão de morte. Esta *Bändigung*, vale dizer, este ato de amansar e domesticar a pulsão, não significa a sua aniquilação, mas a integração ao ego, que teria a função de controlar e inibir seus efeitos destruidores. O trabalho não é simples, nem Freud sabe dizer facilmente como ele se faz. E, ao confessar isso, ele acrescenta, lembrando-se do caldeirão das feiticeiras do Fausto de Goethe: “Deve-se, então, chamar a feiticeira em nosso auxílio”. E logo em seguida acrescenta, justificando o apelo: “Sem especulação e teorização metapsicológicas — quase diria: sem fantasiar — não se consegue, aqui, dar nenhum passo mais adiante” (FREUD, 1937/1975, p.257).⁵

Portanto, sem abrir espaço para o fantasiar, a Metapsicologia não pode ir muito longe. Se no estatuto epistêmico da Metapsicologia deve haver lugar para

⁵ “Ohne metapsychologisches Spekulieren und Theoretisieren- beinahe hätte ich gesagt: Phantasieren, kommt man hier keinen Schritt weiter” (FREUD, *Ergänzungsband*, p.366).

a especulação e para o fantasiar, evidentemente não estamos mais no terreno das ciências exatas. Todavia o que se desfaz neste momento não é o sonho freudiano de fazer da Psicanálise uma ciência, mas o seu paradigma cientificista. Freud cada vez mais se convence de que a Psicanálise não pode ser senão uma *Spezialwissenschaft*, vale dizer, uma *ciência especial*, que apela para a ficção e o fantasiar como modo de acesso a um campo além dos dados imediatos da experiência.

Paul Laurent Assoun consagrou um capítulo de seu denso livro *Metapsicologia freudiana: uma introdução para trabalhar e fazer trabalhar esta figura da ficção metapsicológica* (1966, p.56-76). Para ele, na ficção metapsicológica há mais do que um trabalho de representação de ideias: nela, acontece uma verdadeira *Darstellung* do Inconsciente, vale dizer, o *Inconsciente se faz presente*, ou se apresenta e se revela.

Um exemplo desta *Darstellung* do Inconsciente poderia ser encontrada no texto *Construções em análise*, escrito também em 1937 no apagar das luzes da trajetória freudiana. O analista lança mão de indícios para reconstruir o que foi esquecido pelo analisante e, nesse trabalho, ele se assemelha ao arqueólogo. Este, porém, só consegue fazer a reconstrução que deseja a partir de um objeto real. Nas construções analíticas, porém, esse objeto é o próprio analisante, pois só ele pode validar as ficções do analista. Mas no trabalho da análise, o sujeito é o sujeito do inconsciente e, por isso, a validação das construções do analista só pode ser feita no decorrer de todo o processo da análise, na medida que, no discurso do analisante, acontece uma *Darstellung* do Inconsciente (PALOMBINI, 1966).⁶

Embora Freud, no procedimento metapsicológico, tenha sempre querido articular as especulações e ideias com o material da experiência clínica, não se pode deixar de reconhecer, como observa Assoun, que nessa referência (ao material da experiência), há sempre um deslocamento desse material pela ação do fantasiar. É esse deslocamento que explica porque a teorização metapsicológica, mais do que uma *Vorstellung* (representação) de ideias, deve ser olhada como uma verdadeira *Darstellung* (apresentação) do Inconsciente.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, poder-se-ia dizer que o essencial do que Freud ensinou sobre o papel da ilusão em nossa vida psíquica, nas fantasias das histéricas, nos sonhos, no brincar das crianças, nos devaneios dos adolescentes e dos adultos, bem como nas manifestações do narcisismo originário — tanto no apaixonamento que faz do objeto da paixão amorosa um substituto do Ego ideal, quanto na questão dos ideais ilusórios — pode ser resumido na lição de um provérbio

⁶ Essa referência ao discurso do analisante deveria ser mais trabalhada numa abordagem dedicada ao papel da ilusão na clínica psicanalítica, que, não podendo ser feita aqui, fica como sugestão para uma próxima pesquisa.

alemão, que assim se enuncia: *Träume nicht dein Leben, lebe deinen Traum*, ou seja, não sonhes tua vida, vive teu sonho. A lição deste provérbio poderia ser articulada com a pergunta de Novalis, que figura como epígrafe do presente ensaio: “Por que razão, o melhor, o mais verdadeiro, há de parecer tão ilusório e o ilusório, tão verdadeiro?”

“Não sonhes tua vida”, porque sonhar a vida é perder-se nas brumas das ilusões vazias e enganosas, criadas precisamente para fazer esquecer ou evitar os limites, frustrações e sofrimentos que nos impõe a inexorável *Anánke*. Os que vivem sonhando a vida acreditam ser verdadeiro o que é ilusório. Suas ilusões se desfazem sempre em desilusões.

Bem diferente é a sorte daqueles que, na dureza da vida, muito se empenham em querer viver os seus sonhos. Viver o sonho, apesar das dificuldades, é abrir um horizonte para a esperança que não nos permite desanimar nunca, quaisquer que sejam as dificuldades dos caminhos. Os que assim procedem terminam se convencendo de que o sonho, mesmo quando parece ilusório, é o mais verdadeiro, porquanto é nele que encontramos a motivação necessária para dar sentido e dizer sempre sim à vida.

Recebido em 22/9/2009. Aprovado em 29/3/2010.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, J. (1996) *Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo: Ed.34.
- BORAKS, R. (2006) Brincar é preciso, IDE. *Psicanálise e Cultura*. São Paulo, 29 (42), p.37-41.
- DELOUYA, D. (2006) Nota sobre Ilusão em Freud, IDE. *Psicanálise e Cultura*. São Paulo, 29 (42), p.19-22.
- DA POIAN, C. (1998) O desamparo e a questão dos ideais, *Desamparo. Cadernos de Psicanálise*. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Ano 20, (12), p.133-140.
- FREUD, S. (1982) *Studienausgabe*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- (1900) “Die Traumdeutung”, Band II, p.11-588.
- (1908a) “Der Dichter und das Phantasieren”, Band. X, p.169-179.
- (1908b) “Über infantile Sexualtheorien”, Band.V, p.169-184.
- (1910b) “Die zukünftigen Chancen der psychoanalytischen Therapie”, *Ergänzungsband*, p.121-132.
- (1927) “Die Zukunft einer Illusion”, Band. IX, p.135-139.
- (1930) “Das Unbehagen in der Kultur”, Band. IX, p.191-270.
- (1937) “Die endliche und die unendliche Analyse”, *Ergänzungsband*, p.351-392.

- FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- (1900/1972) “A Interpretação dos Sonhos”, v. IV, p.1-360 e V, p.361-663.
- (1908a/1976) “Escritores criativos e devaneio”, v.IX, p.147-158.
- (1908b/1976) “Sobre as teorias sexuais das crianças”, v.IX, p.211-228.
- (1910a/1970) “Cinco lições de psicanálise”, v.XI, p.11-51.
- (1910b/1970) “As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica”, v. XI, p.125-136.
- (1914/1976) “Sobre o narcisismo: uma introdução” v.XIV, p.85-119.
- (1927/1976) “O futuro de uma ilusão”, v.XXI, p.13-71.
- (1930/1974) “O mal-estar na civilização”, v.XXI, p.75-171.
- (1937/1982) “Análise terminável e interminável”, v.XXIII, p.240-287.
- LAPLANCHE, J. & PONTAIS, J-B. (1967) *Vocabulaire de la psychanalyse*. Sous la direction de Daniel Lagache. Paris: Presses Universitaires de France.
- NOVALIS. (1969) *Werke*. Editadas e comentadas por Gerard Schultz. München: Beck.
- PALOMBINI, A. (1996) “Fundamentos para uma crítica da Epistemologia da psicanálise”. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- PONTALIS, J-B. (1977) “L’illusion maintenue”, in *Entre le rêve et la douleur*. Paris: Gallimard.
- ROCHA, Z. (2008) *Freud: novas aproximações*. Recife: Editora da UFPE.
- WINNICOTT, D.W. (1975) *O brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

Zeferino Rocha
zephyrinus@globo.com